

Vasco Araújo, "É nos sonhos que tudo começa", 2014

Recorded reading by Vasco Araújo of texts: from Pepetela's "Yaka" and Isabela Figueiredo's "Cadernos de memórias coloniais"

"É nos sonhos que tudo começa" é uma série de pinturas feitas em cima de tecido de decoração comprados em S. Paulo onde estão pintados excertos de textos de dois livros, "Yaka" do escritor angolano Pepetela e "Cadernos de memórias coloniais" da escritora portuguesa Isabella Figueiredo. Este trabalho pretende reflectir e denunciar a relação doméstica "abusiva" entre colonizadores e colonizados, ou ainda, entre senhores e empregados, relação esta que, apesar de não existirem testemunhos vivos ou registos em arquivos, demonstram uma das situações mais brutais na história do colonialismo no mundo.

Textos:

1^a

Diziam que as mulheres cresciam mais depressa nos trópicos e que, no fundo, Lila, com 14 anos, era mais adulta do que muitas mulheres, isso era preconceito ocidental. Mas, muitas vezes, perguntei-me se era certo o que andava a fazer. A Lila não tem 16 anos e, quando a conheci, ela acabara de fazer 14. Ainda era virgem... Aqui, em África, essas coisas são normais... Comprei-a, não como escrava, não é a mesma coisa, mas dei dinheiro aos pais e ajudei-os a sobreviver e, não deixa de ser comprar uma pessoa, mas também é caridade. Mas eu amava-a, era absolutamente extraordinária a sua pele, o seu peito ainda em crescimento. Ela dava-me aquilo que, até ao dia em que estive pela primeira vez com ela, nunca tinha conseguido: amar alguém e sentir desejo pelo mesmo. A Lila era absolutamente genial... era uma rapariga de poucas falas e fazia tudo o que lhe pedia. Sabia sempre o seu lugar, quando dizer algo ou assentir com a cabeça, mas o mais confortável era mesmo o seu corpo quente e carinhoso, sempre pronto para receber-me quando o desejava. Nunca a ouvi queixar-se de nada, nunca me pediu nada. No fundo, ela sabia que eu ajudara muito a sua família e que agora não tinha de preocupar-se com a alimentação. Uma vez por mês, íamos ao mercado para comprar-lhe um vestidinho. A Lila, no fundo, era também muito vaidosa. Eu pouco me importava o que ela vestia, até preferia vê-la sempre despida, aquele corpo... aquela luminosidade na pele, deixa-me louco de... desejo.

2º

Não o disse, mas pensava: julgara, a princípio, que ela gostasse dele, que até tivesse amor por ele. Estava enganada, claro, agora sei que a Mariazinha nunca sentiu nada pelo meu pai. Ela trabalhava em nossa casa desde os seus 10 anos, eu ainda não era nascida. Não sei quando aconteceu... não interessa esse dado preciso. O que sei é que todas as tardes o meu paizinho fazia umas sextas depois do almoço e que a Mariazinha, depois de me pôr também a dormir, ia deitar-se com ele. Sexo fácil, poder fácil. Ele estava viciado nela, naquele corpinho rijo e redondo, as maminhas pequenas e a crescerem, que cabiam na sua mão rude. A sua cabritinha, que afinal o desprezava, que afinal o largava com facilidade. Libertar-se dele, sobretudo isso, era o sentimento que lhe ocupava todo o ser, como se ela tivesse escolhido libertar-se de uma prisão, daquela ciumenta obsessão dele que a prendia. Sim, isso era o mais evidente de tudo: que a prendia!

Sinto desprezo pelo meu paizinho, por ele ter seduzido aquela rapariga tão jovem, quase uma criança. Apetece-me chorar, ao perceber a verdade até ali não confessada. E a minha mãe? Onde é que estava todas as tardes? Não me lembro de alguma vez ter trabalhado fora de casa... Talvez fosse para casa das amigas, ou para algum café, beber chá. Não sei se alguma vez soube disto... bom agora já não interessa... já não sei nada da Mariazinha. Bom, também nunca soube nada sobre ela, nem o que pensava... já não interessa. O tempo anula tudo, até o meu paizinho está com Alzheimer e não se lembra de nada, nem que viveu em África... já não interessa...

3º

As brancas eram mulheres sérias. Que ameaça constituía para elas uma negra? Que diferença havia entre uma negra e uma coelha? Que branco perfilhava filhos a uma negra? Como é que uma negra descalça, de teta pendurada, vinda do caniço a saber dizer "sim, patrão", "certo, patrão", "dinheiro, patrão", sem bilhete de identidade, sem caderneta de assimilada poderia provar que o patrão era o pai da criança?

Uma branca não admitia que gostava de foder, mesmo que gostasse. E não admitir era uma garantia de seriedade para o marido, para a imaculada sociedade toda. As negras fodiam, essas sim, com todos e mais alguns, com os negros e os maridos das brancas, por gorjeta, certamente, por comida ou por medo. E algumas talvez gostassem e guinchassem, porque as negras eram animais, podiam guinchar. Mas, sobretudo, porque as negras autorizavam-se a si próprias a guinchar, a abrir as pernas. Lembro-me de uma história que o meu irmão mais velho contava sobre uma ida ao mato para caçar porcos do mato. "Primeiro esperas por eles, depois dás um tiro de espingarda, mas ele não morre logo, tens de correr, agarrá-lo, montá-lo, depois espetas a faca no pescoço do bicho... é como se faz com as pretas, percebes? Agarra-las por de trás, puxas a cabeça pelo cabelo e espetas o facão. Durante algum tempo, não entendi o porquê desta analogia... hoje é claro, até porque dei por mim a fazer o mesmo, a espetar a faca nos porcos do mato..."

